

# **Usos e Apropriações do Cinema no Ensino de História Segundo Jonathas Serrano.**

Lara Rodrigues Pereira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da  
UDESC.

## **Eixo Temático III: Disciplinas escolares (“disciplinas-saber”)**

---

### **RESUMO**

O presente texto é fragmento de dissertação de mestrado em curso do programa de Pós-Graduação em História da UDESC, orientada por Cristiani Bereta da Silva. Em minha dissertação objetivo entender de que maneiras os professores de História da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis se utilizam de narrativas cinematográficas em suas aulas. Para tanto precisei mergulhar na história dos usos do cinema no Ensino de História e neste caminho me deparei com a obra de Jonathas Serrano publicada em 1935, intitulada “Como se Ensina História” através da qual o autor, impregnado de sua época, dedica-se a orientar professores de História a desempenharem suas práticas de ensino. Neste livro há um capítulo inteiro dedicado as possibilidades do cinema para o Ensino de História e é justamente sobre estas impressões de Serrano que aqui debruçarei minha atenção.

Palavras Chave: Cinema, Ensino, História.

## **Ensinando História em 1935 Com Jonathas Serrano**

Jonathas Serrano foi um intelectual nascido no Rio de Janeiro em 1885, formado em direito e professor de História. Foi um autor pertencente a uma geração nascida com a República, conforme aponta a pesquisadora Taís Campelo em seu texto *Jonathas Serrano – Narrativas Sobre Cinema* publicado na Revista *Especiarias* da UESC. Serrano foi naturalmente filiado a uma corrente, que pautada pelo positivismo, via a configuração de novas organizações sócio-políticas através das quais novas identidades estavam sendo forjadas para a Nação.

O fato de ser um intelectual que nasceu em meio a significativas transformações políticas advindas do republicanismo fica evidente em sua obra. As características de natureza republicanas e positivistas estão presentes no discurso de Jonathas Serrano, e talvez por este motivo ele tenha se preocupado tanto com a “revolução” das imagens promovida pelo cinema. Seu entusiasmo e desconfiança com o invento dos irmãos Lumière esteve presente em sua obra e por isso neste artigo discutirei o capítulo de seu livro intitulado “Como se Ensina História” de 1935 no qual o autor encarregou-se, dentre outras questões, de analisar as possibilidades da linguagem cinematográfica para o ensino de História.

Nele o autor, que era membro do Instituto Histórico e Professor do Colégio Pedro II, dedicou-se a ensinar técnicas e métodos de como desenvolver o ensino de História. O livro é um belo documento através do qual consegue-se perceber as aflições de uma época em relação as deficiências existentes por parte dos professores de História no desempenho de sua prática.

É importante destacar que Serrano na época do lançamento de seu manual para o ensino de História era um intelectual muito respeitado e bem relacionado, pois a abertura de seu livro foi escrita pelo então diretor e professor de psicologia educacional da Escola de Educação da Universidade do Distrito Federal, Lourenço Filho<sup>1</sup>. Neste texto Filho afirma que o livro de

---

<sup>1</sup> Fonte: [www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)

Serrano era fruto de “segurança de ideias e da experiência do mestre que o compôs. É uma obra sentida e pensada e por isso mesmo de inestimável valor para nossos mestres”.

Jonathas dedica uma parte considerável de seu livro à análise das possibilidades didáticas do cinema para o ensino de História e suas conclusões são extremamente interessantes para que os estudiosos desta área identifiquem sobre quais alicerces teóricos as atuais ideias sobre o tema estão calçadas.

A possibilidade de uma utilização proveitosa da Imagem cinematográfica levou inúmeros intelectuais a militarem a favor da implantação do cinema educativo no Brasil. O decreto 21.240, de 1932, prevê a criação de uma Taxa Cinematográfica para a Educação Popular, bem como a criação de um órgão especial ligado ao Ministério da Educação e Saúde Pública. O Instituto Nacional de Cinema Educativo iniciou suas atividades em 1936, sob a direção de Edgard Roquette Pinto, cargo para o qual Serrano chegou a ser cotado. O cinema, enquanto meio auxiliar de ensino, foi precedido pela criação da Comissão de Censura Cinematográfica, em 1932, e por uma série de publicações importantes.<sup>2</sup>

A partir deste trecho do texto de Campelo pode-se observar que naquela conjuntura Jonathas Serrano era um indivíduo cujas ideias tinham muita relevância, pois suas discussões, somadas as de outros intelectuais, ajudaram a fomentar a criação do INCE (Instituto Nacional do Cinema Educativo). A importância do INCE para a História do Cinema brasileiro é imensa, pois a partir deste Instituto o então desconhecido Humberto Mauro passou a figurar como principal destaque do cinema nacional produzindo clássicos como *O Descobrimento do Brasil* de 1937. Além do destaque do autor, no caso Humberto Mauro, o INCE pretendia, através de suas narrativas cinematográficas, colocar em evidência o Brasil da Era Vargas, pós revolução de 1930, despedindo-se da República do Café com Leite para inaugurar uma nova era na gestão pública brasileira. Dentro deste cenário o ensino de História promovido através de filmes educativos/históricos estava em evidência o que justificaria as preocupações de Serrano com a aplicação do cinema no ensino de história.

Não sou dos que se entusiasma exageradamente com as possíveis aplicações do Cinema ao ensino da História. Parece-me que há certos

---

<sup>2</sup> CAMPELO, Taís, Jonathas Serrano, narrativas sobre cinema in *Cadernos de Ciências Humanas* - Especiaria. v. 10, n.17, jan./jun., 2007, p. 57-76.

equivocos na apreciação do assunto. Pelo que tenho observado, há muitos anos, os chamados filmes históricos não satisfazem as indeclináveis exigências de um verdadeiro filme educativo. Podem até, não raro, ser contraproducentes. Além de não servirem, pela grande metragem, a utilização propriamente escolar, são quase sempre inçados de anacronismos – prochronismos ou metachronismos, pouco importa – de suposições infundadas, quando não de erros positivos. Na melhor das hipóteses, são ensaios, mais ou menos aproximados, de reconstituições, de ambientes e tipos. (Serrano, 1935, p 112)

De acordo com as observações de Serrano, os filmes comerciais que abordavam temas históricos poderiam ser contraproducentes quando utilizados com o intuito didático, o que justificaria em certa medida a urgência da produção de filmes iminentemente educativos, coisa esta consolidada com a criação do INCE um tempo depois. Outra questão que podemos perceber neste trecho do livro de Jonathas é a preocupação com os anacronismos que já ocorriam no cinema da década de 1930 e perduram até hoje. A preocupação de Serrano é justificada, uma vez que anacronismo significa falta de consonância histórica, ou seja, é quando situações, eventos, pessoas, hábitos de uma época são erroneamente retratados como pertencentes a outra época. Não raro observamos anacronismos no cinema, ora evidentemente intencionais, como no filme *Maria Antonieta*<sup>3</sup> da Diretora Sofia Copolla em que no armário da protagonista aparece um par de tênis. Ora sutilmente intencionais, como no filme *Gladiador*<sup>4</sup> de Ridley Scott no qual o lugar reconhecido nos dias de hoje como Coliseu já era assim tratado no filme, apesar de que na época em que se passava a trama, o agora Coliseu, se chamava anfiteatro flávio.

As preocupações de Jonathas Serrano com o anacronismo e imprecisões Históricas são freqüentes ainda hoje, mas não impedem com que professores de História utilizem tais narrativas em sala de aula. Isso ocorre, pois pode-se desenvolver eficiente análise de um filme não tratando seus desvios históricos como grandes fragilidades da obra, trazendo inclusive discussões muito densas sobre como tratar a falta de fidedignidade histórica das narrativas cinematográficas em sala de aula. Para isso é preciso destrinchar o documento fílmico e utilizar outras fontes históricas como contraponto a ele mostrando o quão consistente pode ser um trabalho em sala de aula baseado em um filme.

---

<sup>3</sup> *Maria Antonieta*. EUA, 2007. Direção Sofia Copolla. Estudios Columbia, 176 minutos.

<sup>4</sup> *Gladiador*. EUA, 2000. Direção de Ridley Scott. Estúdios Universal, 154 minutos.

Outra questão colocada no texto de Serrano, destacado acima, é a dificuldade de se passar um filme inteiro em sala de aula devido a falta de tempo para isso. Esse é um obstáculo que atualmente vem sendo vencido pelos professores, pois com os recursos de edição de filmes popularizados o professor/a pode recortar o trecho que quiser para utilizar em sala de aula sem comprometer o tempo de outras aulas.

Logo no início do texto acima evidenciado de Serrano ele afirma não ser um grande entusiasta da utilização de filmes para o ensino de História, mas na página 111 cita Quintiliano para afirmar que “as sensações da vista se gravam melhor na memória que as do ouvido”. Essa afirmação nos leva a entender que se hoje os recursos audiovisuais estão de certa forma consolidados em sala de aula (evidenciado pela presença de salas de vídeo na maioria das escolas brasileiras, sejam públicas ou privadas) no período em que o autor escreve, anos trinta, isso ainda não ocorria. As dúvidas acerca do uso de recursos audiovisuais em aulas de História perpassam o texto de Serrano, tanto que ainda na página 111 ele salienta problemas de ordem espacial para o desempenho da projeção de filmes em sala de aula.

Tanto a projeção fixa quanto a animada exigem, em geral a obscuridade da sala e este é um inconveniente que não se pode esquecer. A necessidade de fechar as portas e janelas, ou pelo menos de impedir que a claridade penetre no recinto e perturbe a nitidez da projeção, é desagradável quando se trata de turmas numerosas, em salas nem sempre suficientemente espaçosas e arejadas.

A conciliação de todos estes interesses, e da aeração da sala, o da nitidez da projeção e o da conservação da disciplina da turma, é sobretudo efeito da habilidade do professor, que deverá dosar as aplicações conforme as circunstancias de espaço e tempo. (Serrano, 1935, p 111)

A projeção fixa a que o autor se refere no texto seria a projeção de fotos, imagens estáticas feitas em aparelhos semelhantes aos retroprojetores que fizeram muito sucesso nas escolas brasileiras na década de oitenta, já a projeção animada seriam os filmes. É preciso salientar que a necessidade do escurecimento quase total das salas para as projeções dos filmes e imagens ocorria, pois estes eram produzidos, em grande maioria em preto e branco, sendo necessária a escuridão para obter maior nitidez das imagens.

Com os recursos técnicos que dispomos hoje pode-se assistir a um filme sem a necessidade da escuridão total de uma sala de projeção, pois as imagens são mais nítidas, mais precisas em seus contornos e cores. Outro aspecto que seria importante salientar nesta passagem de

Serrano é a preocupação com a disciplina das turmas, ou seja, uma preocupação muito atual, diria até atemporal, mas com o passar do tempo a rigidez na exigência de ordem e disciplina perdeu o foco no ensino ocasionando resultados ora positivos, ora negativos para professores e alunos.

O texto de Serrano remete a passagens da História do Cinema Mundial, pois em 1935 ano em que seu livro foi lançado, a produção das narrativas cinematográficas coloridas e sonoras ainda estava iniciando. Ainda pairavam dúvidas sobre a utilização destas novidades em sala de aula conforme registro abaixo.

Passados mais de cinco anos, ainda hoje, com o filme sonoro colorido e em relevo, o problema continua sem alteração: a projeção animada não tornou inútil a projeção episcópica ou diascópica. (Serrano, 1935, p 112)

Há uma preocupação no texto de Jonathas Serrano com a falta de coerência com a História existente na maioria dos filmes históricos. Essa é uma questão própria do período no qual o autor articula sua escrita. Naquele tempo ainda acreditava-se na busca pela verdade histórica, algo muito distante do que as teorias da História pregam hoje. Não há mais a busca pela verdade, pois esta pode e deve ser relativizada, uma vez que, concebe-se a existência de múltiplas versões para um mesmo evento que serão diferentes devido as diferenças estabelecidas em cada narrativa construída para contar tal evento.

Conforme aponta Paul Ricoeur os seres humanos são essencialmente narradores, mas cada narrativa será filiada a condição social de quem a produz. Por exemplo a história do Dia D (invasão da Normandia) na Segunda Guerra Mundial pode ser contada por um combatente norte americano de maneira diferente da contada por um membro da Resistência francesa, pois cada narrador está impregnado de um lugar social, assim como sua narrativa.

Destaco o trecho abaixo, pois nele há uma latente indignação de Serrano com os filmes cuja História aparece romanceada ou cômica, como se não houvesse romance e graça na História da Humanidade. A ideia que temos lendo este trecho é de que para ser considerado histórico um filme deve ser acima de tudo sério. Tal premissa também não pode ser aceita na atualidade, pois o que dizer das narrativas cinematográficas produzidas por Chaplin, nas quais o humor é capaz de contar a História de um período difícil como a Segunda Guerra. No filme O Grande Ditador Chaplin, através de sua caricatura de Adolf Hitler destaca o horror, o medo, as incertezas de um período marcado por intolerâncias étnicas, sociais e religiosas utilizando

para isso o humor. Seria este filme tão equivocadamente historicamente e totalmente dispensável como documento de uma época? Penso que não, pois dependendo das problematizações há inúmeras possibilidades para o estudo dos anos quarenta baseadas no filme de Chaplin.

Ultimamente a moda de romancear a história em livros tem provocado, no cinema, uma repercussão ainda mais lamentável. Deforma-se deliberadamente o passado, para efeitos românticos, ou cômicos, e o público aplaude e... desaprende o que sabia ou aprende errado para o resto da vida. (Serrano, 1935, p 112)

Ainda neste trecho, no final da citação, Serrano afirma que através destas narrativas cômicas ou romanceadas o público desaprenderia História ou a aprenderia de maneira errada para o resto da vida. A partir disso podemos perceber que Serrano pertencia a uma categoria de estudiosos tributários de uma História Total, essencialmente verdadeira, cuja verdade era uma só e iminentemente séria, sisuda, epistolar.

Na mesma página, no parágrafo seguinte Serrano engrossa sua indignação com os filmes históricos produzidos na época.

Para quem ama a História como ciência, esses filmes são irritantes. Para a maioria do público ignorante, são prejudiciais. Ao menos se todos os espectadores se dessem depois ao trabalho de estudar a verdade histórica sobre o episódio ou a personagem deformada na tela! Mas, nem há tempo nem elementos fáceis para a maioria. E as mensagens falsas perduram na memória. (Serrano, 1935, p 113)

Neste trecho a expressão “a verdade Histórica” vem caracterizar a busca por uma verdade oficial, algo extremamente positivista. Há também neste excerto a caracterização de um período no qual a História tentava se firmar como ciência. Também fica evidente a elitização do conhecimento histórico quando o autor utiliza expressões como “público ignorante”, “nem há elementos fáceis para a maioria”, como se apenas eruditos pudessem compreender a história. O alerta que Serrano faz a respeito das “mensagens falsas” ou “a personagem deformada na tela” dão a entender que os filmes que critica não serviriam para nada além de deturpar momentos e personalidades históricos. A ideia de que são apenas versões sobre um evento carregando as impressões, a cor do tempo no qual foram feitos, tão cara a História do Tempo Presente, não figura na interpretação de Serrano.

Apesar da postura conservadora de Serrano a respeito das narrativas cinematográficas podemos perceber na página 113 uma certa concessão a teoria da História vista nos Anales, pois ao afirmar “E todavia o cinema pode ser uma fonte histórica” o autor reconhece parcialmente nas narrativas cinematográficas os documentos que são. Mas completa esta mesma frase afirmando “Mas, somente na hipótese de haver sido filmado o episódio no próprio instante em que ocorria”. Embora veja nos filmes o potencial de fonte, a ideia da busca pela verdade acaba marcando a avaliação de Jonathas Serrano sobre o cinema.

A partir da leitura que fiz do livro de Jonathas Serrano pude compreender de que maneiras o cinema era percebido para o ensino de História no Brasil da década de 1930 e com isso foi possível perceber as mudanças ocorridas desde então para a utilização deste recurso em sala de aula.

## Referências

ASHBY, Rosalyn. Desenvolvendo um conceito de evidência histórica: as idéias dos estudantes sobre testar afirmações singulares. **Revista Educar**, Curitiba, Especial, p.151-170, 2006.

BARCA, Isabel. Concepções de adolescentes sobre múltiplas explicações em História. In: \_\_\_\_\_(Org.). *Perspectivas em Educação Histórica*. Actas. **Primeiras Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Braga: Universidade do Minho, 2001

BERGMANN, Klaus. A História na reflexão didática. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: vol. 9, n. 19, set.1989/fev.1990. pp. 29-42.

**VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania**. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.



BERNARDET, Jean Claude e RAMOS, Alcides. *Cinema e História do Brasil*. São Paulo, Ed. Contexto/Edusp, 1988

BENJAMIN, Walter . “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. IN: *Obras Escolhidas I*. São Paulo, Brasiliense, 1985

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. Capítulo III: Procedimentos metodológicos no ensino de história.

CAMPELO, Taís, Jonathas Serrano, narrativas sobre cinema in *Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria*. v. 10, n.17, jan./jun., 2007, p. 57-76.

CARVALHO, Jairo. CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA: REALIDADE ESCOLAR, PROPOSTAS E PRÁTICAS NA SALA DE AULA. *Revista Fênix*, junho de 2008.

CERRI, Luis Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. *Revista de História Regional* 6(2): 93-112, 2001.

CHERVEL, André. *História das Disciplinas Escolares: Reflexões sobre um Campo de Pesquisa*.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. Cia das Letras, São Paulo, 1998.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema em sala de aula*. São Paulo, Contexto, 2001

RÜSEN, Jörn. **História Viva**. Brasília: UnB, 2007

**VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania**. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

RÜSEN, Jörn. Experiência, interpretação, orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica. Jorn Rusen e o ensino de História. SCHMIDT, Maria Auxiliadora. BARCA, Isabel. MARTINS, Estevão de Rezende (org). Curitiba: UFPR: 2010

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Cognição Histórica situada: que aprendizagem histórica é esta? In: BARCA, Isabel & SCHMIDT, Maria Auxiliadora (Org.) *Aprender História: Perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

SCHMIDT, M.A. A História como Pedagogia: a contribuição da obra de Jonathas Serrano na construção do código disciplinar da História do Brasil. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 48, jul.-dez. 2004.

SILVA, Marcos. *Ver História: o Ensino Vai aos Filmes*. São Paulo. Hucitec, 2011.

SOARES, Mariza de Carvalho. *A História Vai ao Cinema*. Rio de Janeiro. 2001

VEZENTINI, Carlos Alberto. "História e ensino: o tema da fábrica visto através de filmes". IN: Bittencourt, C. (org). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo, Contexto, 2001.

### **Dissertações**

LINO, Fernanda da Silva. *A Prática Pedagógica Com as Mídias na Escola*. Dissertações, UFSC, 2008.

SOSSAY, Fernando. *A Um Play do Passado? Ensino de História e “Novas Tecnologias Educacionais”*. Dissertações, UDESC, 2009

SUAVI, Valenska. *Professores Analógicos / Professores Digitais: A Prática Docente Frente às Inovações Tecnológicas*. Dissertações, UFSC, 2004.

### **Filmes**

**Maria Antonieta**. EUA, 2007. Direção Sofia Copolla. Estudios Columbia, 176 minutos.

**VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania**. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

**Gladiator.** EUA, 2000. Direção de Ridley Scott. Estúdios Universal, 154 minutos.

**Fonte:**

SERRANO, Jonathas. Como Se Ensina História. Ed. Cia Melhoramentos, São Paulo. 1935.

*VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania.* Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.